

# Um encontro de duplos: intersecções entre a psicanálise e a literatura

FERNANDO KUNZLER<sup>1</sup>  
LAURA MARAZITA LOTTI<sup>2</sup>  
ANA CAROLINA MELLO PECHANSKY<sup>3</sup>  
ROBERTA IANKILEVICH GOLBERT<sup>4</sup>  
FERNANDA PORTO DA SILVA<sup>5</sup>  
IARA SCHMIDT<sup>6</sup>  
LUÍSA STEIGER PIRES DE OLIVEIRA<sup>7</sup>

---

RESUMO: Este trabalho é resultado de um ano de leituras e de estudos do Grupo de Literatura e Psicanálise do CEAPIA, cuja proposta do primeiro módulo foi investigar o fenômeno do duplo em uma série de livros da literatura mundial. O presente artigo traz um exercício criativo do grupo realizado para uma apresentação em um evento: um conto que tenta ilustrar como os personagens interagiriam em uma sessão de grupoterapia acerca de seus duplos. Abordaremos, então, como o duplo aconteceu em cada uma das histórias que lemos, tentando compreendê-lo pela teoria freudiana e aprofundando conceitos que nos pareceram fundamentais, como o estranho, o susto e o narcisismo. Percebemos, ao longo do estudo, que o fenômeno do duplo pode ser compreendido como resultante de falhas narcísicas dos personagens e que o efeito de se duplicar que ocorre nas histórias pode ter configurações distintas, dependendo do nível de integração do ego.

PALAVRAS-CHAVES: Psicanálise; Duplo; Literatura.

## **An encounter of doubles: intersections between psychoanalysis and literature**

ABSTRACT: This work is the outcome from a year of study in CEAPIA's Group of Literature and Psychoanalysis, whose intent was to study the theme of the double across selected works of literature. It also includes a collective exercise of creative writing featured in a lecture – in the form of a short story, the group imagines how the characters

---

<sup>1</sup> Médico, psicanalista, membro fundador do CEAPIA, coordenador do Grupo de Estudos de Literatura e Psicanálise do CEAPIA.

<sup>2</sup> Psicóloga do CEAPIA, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Psicanálise do CEAPIA.

<sup>3</sup> Psicóloga do CEAPIA, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Psicanálise do CEAPIA.

<sup>4</sup> Psicóloga do CEAPIA, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Psicanálise do CEAPIA.

<sup>5</sup> Psicóloga escolar, psicóloga do CEAPIA, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Psicanálise do CEAPIA.

<sup>6</sup> Psicóloga do CEAPIA, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Psicanálise do CEAPIA.

<sup>7</sup> Psicóloga do CEAPIA, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Psicanálise do CEAPIA.

would interact in a group therapy session about their experiences with the double. We talk about how the double motif was articulated in each literary work, trying to understand this phenomenon through essential concepts in Freudian psychoanalysis, such as the uncanny, the fright, and narcissism. We concluded that the phenomenon of the double can be understood as narcissistic flaws of the characters and that it can have different arrangements, depending on the level of ego integration.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Double; Literature.

## Introdução

Este artigo nasceu do estudo do Grupo de Literatura e Psicanálise do CEAPIA. A ideia deste grupo surgiu de duas colegas que, ainda em uma época anterior à pandemia de COVID-19, conversavam sobre seu interesse em literatura e as interlocuções da área com a psicanálise. Porém, o início dos nossos encontros se deu em junho de 2020, quando já estávamos em isolamento social. Tínhamos uma ideia inicial de programa, pensado para um módulo cujo tema era o duplo na literatura e na psicanálise, mas acabamos inserindo outros textos conforme o andamento do nosso estudo.

Nosso percurso de leitura começou com *O Homem de Areia*, de E.T.A Hoffmann (1817/2010). Na sequência, lemos *O Estranho*, de Sigmund Freud (1919/1996). A partir desse texto, sentimos necessidade de complementar o estudo com *À guisa de uma introdução ao narcisismo* (1914/2004), com *Além do princípio do prazer* (1920/2006) e com o capítulo *Animismo* dentro da obra *Totem e Tabu* (1913/1996), todos de Freud. Após, seguimos com *A morte do autor*, de Roland Barthes (1967/2004), com *O Inquietante*, dentro de *A História da Feiura*, de Umberto Eco (2007/2014), com *O Duplo*, de Otto Rank (1925/2013), com o conto de Machado de Assis, *O Espelho* (1882/2007), com o conto *William Wilson*, de Edgar Allan Poe (1839/1981), com o romance de Ítalo Calvino, *O Visconde partido ao meio* (1952/2011), com *O Duplo*, de Fiódor Dostoiévski (1846/2013) e, por fim, lemos o romance de Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray* (1890/2014).

Percebemos que, nas histórias, os duplos foram se apresentando sob circunstâncias diferentes no percurso dos personagens, e de maneiras distintas: ora como reflexo no espelho, ora como um "gêmeo" que detinha qualidades diferentes das do protagonista, ora como uma pessoa repartida em metades, ora como um quadro. Essas diferenças chamaram-nos a atenção e foram as condutoras das discussões nos encontros do grupo.

A proposta deste artigo, então, é pensar de quais duplos se fala nessas histórias e quais fenômenos psíquicos podemos conectar com a trajetória dos personagens de cada uma delas. Nesse sentido, não nos propomos a encontrar uma hipótese universal para o aparecimento do duplo, mas sim a pensar a multiplicidade e a singularidade desse fenômeno nos contos que lemos. Para tentar compreender a ideia do duplo na literatura por meio da psicanálise freudiana, aprofundamo-nos na ideia do estranho, do susto e do narcisismo.

Recebemos o desafio de apresentar o nosso estudo em um evento do CEAPIA aberto à comunidade, o Ciranda Cultural. Com esse convite, pensamos em como poderíamos falar de um tema psicanalítico, muito difícil para um público leigo. Chegamos, então, à ideia da construção de um conto, de um diálogo entre os personagens das histórias que lemos, para que os ouvintes pudessem ter uma experiência similar à que nós tivemos nos nossos encontros – partindo de uma história literária para uma discussão. Assim, a seguir apresentaremos este breve conto como forma de ilustrar o modo de funcionamento de cada personagem.

## Um encontro de duplos

*Estavam todos posicionados em seus lugares, prontos para iniciar a grupaloterapia. Percebem a presença de alguém estranho, que não costumava estar entre eles.*

*Coordenador: Bom dia, pessoal! Vamos iniciando nosso grupo. Hoje temos a presença de um novo membro, que estará com a gente a partir de agora. Este é Dorian Gray. Quem sabe tu te apresentas, Dorian?*

*Dorian<sup>8</sup>: Para aqueles que não me conhecem, sou o Dorian. É um grande prazer estar aqui com vocês neste grupo com grandes mentes!*

*Nathanael<sup>9</sup> sussurra: Como é bonito, tão jovem, eu poderia até escrever um poema sobre ele...*

*Coordenador: Antes de começarmos propriamente o grupo, acho que seria importante se todos pudessem se apresentar, pelo menos dizer seus nomes. Nathanael, começa tu?*

*Nathanael: Sou Nathanael. Gosto de escrever cartas à minha amada e ao seu irmão. Depois de muito tempo contei a eles o que me aconteceu na infância e me assusta até hoje.*

*Balduin<sup>10</sup>: Bem-vindo, amigo! Me chamo Balduin. Ah, o amor! Vocês nunca lutaram pela amada de vocês? Tive que duelar pela minha condessa...*

*Alferes Jacobina<sup>11</sup>: Eu sou Jacobina. Mas Dorian, me diz, tu não és famoso, jovem rapaz? Eu já ouvi falarem de ti...*

*Dorian sorri e diz: É... Talvez entre os bem relacionados! Famoso não, mas se você frequenta a alta sociedade britânica deve me conhecer...*

*W. Wilson<sup>12</sup>: Já ouvi falar de ti, temos muitos amigos em comum, mas faz tanto tempo... Sou William Wilson. E aparentemente os boatos de sua arrogância são verdadeiros...*

<sup>8</sup> Personagem do livro *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde.

<sup>9</sup> Personagem do livro *O Homem de Areia*, de E.T.A. Hoffmann.

<sup>10</sup> Personagem do filme *O Estudante de Praga*, dirigido por Hanns Heinz Ewers, incluída no livro *O Duplo*, de Otto Rank.

<sup>11</sup> Personagem do conto *O Espelho*, de Machado de Assis.

<sup>12</sup> Personagem do conto *William Wilson*, de Edgar Allan Poe.

Visconde Medardo<sup>13</sup>: Bem-vindo Dorian! Não te conhecia antes. Me chamo Medardo, sou o Visconde de Terralba.

Dorian: Ora, se alguém daqui não me conhece, começamos muito mal, nem gastarei meu tempo em me apresentar e, por mim, como não tenho o mínimo prazer em aqui estar, já me retiro.

Coordenador: Por favor colegas do grupo, se acalmem, sigamos.

Golyádkin<sup>14</sup> permanece em silêncio, contorcendo-se na cadeira.

Coordenador: Bom, a ideia do grupo é pensarmos na experiência que vocês tiveram com os duplos. Quem sabe tu começa a contar a tua história, Dorian?

Dorian: Isso aqui é pra discutir duplo? Eu não devia ter vindo, porque eu não sou duplo.

Alferes Jacobina: Não é? Mas não teve alma, espelho ou sombra?

Dorian: Nada disso. Sou um homem inteligente, eu sei apreciar as belezas do mundo, estou sempre cercado de amigos e amores.

Alferes Jacobina: O mundo não tem sido um lugar assim tão bonito...

Balduin: Para mim também não foi tão bonito. Eu já tinha desistido de duelar com o noivo de minha amada, seu pai me pedira, porque como eu era o melhor esgrimista de Praga...

Golyádkin segue em silêncio, escutando os demais. Mexe-se muito na cadeira, cabisbaixo, apertando as mãos.

Golyádkin: Chega! Não quero mais escutar vocês, são muito insuportáveis. Dizem besteiras, bem que eu sabia que não devia ter vindo, ainda Pietruchka separou as minhas melhores botas para vir conversar, mas eu sabia que todos vocês falavam bobagens para que eu fosse humilhado na frente de todos. Humilhação, humilhação...

Visconde Medardo: Calma Golyádkin, ninguém quer te humilhar, estamos todos compartilhando essa experiência, no mínimo estranha, que vivemos. Quem nunca foi dividido em dois?

Dorian sussurra: Dividido em dois?...

W. Wilson: Dorian, pelo menos eu e os demais colegas deste grupo terapêutico do CEAPIA tivemos um duplo, de um jeito ou de outro... Eu tinha um cara muito insuportável, eu ia fazer alguma coisa errada e lá estava ele me olhando, me julgando. E ainda por cima era igual a mim! Vocês acreditam que ele tinha até o mesmo nome, estudava na mesma escola que eu, frequentava as mesmas festas que eu...?!

Dorian: Festas? Quais? Se quiser ir pra alguma festa eu posso te dizer algumas de que estou sabendo! E muito bem frequentadas!

Golyádkin: Ele tá falando de mim! Por que não estão me convidando pra ir a essa festa também? É porque eu fui expulso daquela que eu entrei de penetra, só pode ser. Era aniversário da minha amada, como eu deixaria de ir? Por algum equívoco esqueceram de me convidar! Ele fala essas coisas, de alta sociedade, saiba ele, que eu também frequento os melhores bailes de São Petersburgo.

<sup>13</sup> Personagem do livro *O visconde partido ao meio*, de Ítalo Calvino.

<sup>14</sup> Personagem do livro *O duplo*, de Fiódor Dostoiévski.

Nathanael: Ué, mas eu nunca te vi por lá, Golyádkin... Que boas lembranças eu tenho da festa, dancei por horas com a minha amada Olímpia! Quando me apaixonei e encontrei quem realmente me escutava.

Coordenador: Está bem, pessoal, entendo que o assunto de festas mobilize, ainda mais nesse momento de pandemia... Mas vamos tentar nos ater ao tema do grupo, ok?

Visconde Medardo: Olha, eu já estou nesse grupo aqui há muito tempo, sei que é difícil falar, mas vou então começar me apresentando, vou contar a minha história. Eu fui repartido mesmo, por uma bomba enorme no front de batalha, por aqueles turcos safados. Eu só queria ver o front de batalha, os elefantes enormes, estava tão contente que andava a cavalo, me sentia um homem. Nunca tinha visto sangue, nem morte, não sabia o que era guerra.

Alferes Jacobina: Entendo essa alegria pura... Eu, quando ganhei a farda de alferes, me senti o melhor dos homens. Até que parte minha, que era homem, Jacobina, começou a desaparecer frente a um elegante espelho. E fiquei só o Alferes, só uma patente militar.

Visconde Medardo: Estava melhor equipado para a guerra que eu!

Balduin: Meu duplo foi criado por um ladrão, que roubou meu reflexo do espelho em troca de fama e fortuna. Como eu disse antes, eu era o melhor esgrimista de Praga, assim no duelo eu mataria seu noivo, facilmente. Fui até o campo do duelo, e quem eu vejo já voltando com uma espada ensanguentada? Meu duplo, ele fora no duelo e o matara. E isto me desgraçou. Quando finalmente o encontrei, dei-lhe um tiro e fiquei muito feliz que tinha me livrado dele, mas quando vi, o tiro tinha sido dado em mim! E vi o ladrão indo embora...

Dorian: Quanta besteira... Eu não entendo o que vocês dizem... O que diabos estou fazendo aqui?

Alferes Jacobina: Mas afinal de contas, Dorian, por que vieste? Parece-me que não queres estar aqui, e que estas questões não te interessam de fato.

Dorian: Não me interessam mesmo, mas fui obrigado. Ou melhor, me foi "recomendado". Recebi o auxílio emergencial agora na pandemia, direito de todos, e houve quem dissesse que eu não deveria. Imagina... Vocês acham que eu não tenho direito?

Coordenador: Na verdade, esse auxílio foi feito para quem não tem renda mínima. Será que tu terias direito, Dorian? A justiça entendeu que não, por isso estás aqui, como um espaço para pensar. Aqui tu terás um outro tipo de auxílio...

Nathanael: Auxílio... auxílio foi o que não tive. Desde pequeno eu também não entendia destas coisas da vida. Fui perseguido por um terrível monstro, o Homem de Areia, que queria roubar meus olhos... E quando pensei que tinha encontrado o amor, me deparei com uma boneca de madeira. Foi demais pra mim. Roda de fogo, gire – Roda de fogo, gire!

Dorian sussurra: Esse aí é louco...

Coordenador: Dorian, aqui nesse grupo ninguém é louco, se compartilham dificuldades similares, inclusive a tua...

Dorian: Não sei do que vocês estão falando...

W. Wilson: Ouvi falar que o pintor Basil Hallward pintou um quadro teu, Dorian! Mas que tu não querias expor... Seria esse quadro o teu duplo?

Dorian: Como tu soubeste disso? Isso é mentira! Não tem quadro nenhum.

W. Wilson: Foi o próprio Basil que me contou! Frequentamos algumas festas juntos. Inclusive faz muito tempo que não o vejo, me disseram que parece que ele sumiu, desapareceu!

Dorian: Não tô sabendo de nada...

Visconde Medardo: É, no início é assim mesmo... A gente precisa de muito tempo e de muito espaço pra podermos nos integrar, reconhecer algumas coisas... Não é fácil. O Alferes Jacobina e eu, que já estamos há mais tempo no grupo, demoramos também a reconhecer partes nossas.

Nathanael: Eu tentei muito seguir a vida, mas quando achei que tinha conseguido, ele reapareceu! Veio me oferecer novos olhos e agora está em todas as partes! E ele acha que eu não sei que é a mesma pessoa, mas eu sei! Já matou meu pai e agora quer acabar comigo também, mas não vai conseguir! Eu sei o que tenho que fazer.

Golyádkin: Que maluco... Bebi junto a uma pessoa igual a mim, o recebi em minha casa e depois tornou-se um ingrato! Roubou tudo o que era meu, meu trabalho, meus amigos...! Não preciso de nada disso agora, o Doutor Krestian Ivanovitch Rutenspitz me trouxe para um lugar em que sou muito melhor cuidado, tratado como um rei, por isso que venho nessas reuniões!

Dorian: Não acredito que estou em um grupo com alguém institucionalizado!

W. Wilson: Mas tu estás preso!... Bom, vou falar de mim. Eu também demorei muito tempo para reconhecer o meu duplo, quando o vi, eu já estava morrendo... Só consegui me dar conta do que acontecera comigo estando aqui no grupo...

Visconde Medardo: É um trabalho difícil, eu mesmo fiz coisas horríveis tanto quando era só bom ou só mau. Foi com a ajuda de Pâmela, minha amada, que consegui me dar conta de que era separado em dois e depois com a ajuda do Doutor Trelawney que, quando eu estava pronto, literalmente me costurou.

Alferes Jacobina: Difícil mesmo. Fiquei tão desamparado frente a essa imagem de alferes no espelho... Eu estava muito sozinho, todo mundo tinha saído de casa... Só consegui contar essa história e entender o que aconteceu muitos anos depois...

Nathanael: Eu quase matei Clara, sorte que Lothar conseguiu salvá-la. Depois eu é que não tive sorte, avistei novamente o duplo do meu pai e saltei sobre a balastrada, só parei quando já estava com a cabeça destróçada nas pedras do calçamento...

Alferes Jacobina: Nem todos conseguem...

Balduin: Tu sabes, Nathanael, que tuas trágicas peripécias fizeram que um psicanalista vienense Sigmund Freud, dissesse que não passarias de um Narcisista incurável?

Dorian: Narcisista... O que será que é um Narcisista?

Coordenador: Pessoal, estamos no nosso horário. Seguimos no próximo encontro.

## Quando o duplo encontra a psicanálise: resoluções psíquicas possíveis

Otto Rank é reconhecido como o precursor nos estudos do duplo, um tema que está presente desde a Antiguidade em obras de arte, como em peças de teatro, e que constantemente ressurgiu como uma tradicional crença popular, estimulando poetas e artistas ao longo da História (Rank, 1925/2013). Entretanto, foi com a tragicidade do Romantismo – como em *O Homem de Areia* – que o tema ganhou uma nova visibilidade na literatura de diversos países. “O duplo, neste contexto, simboliza um sujeito que se vê cindido em dois, movido por forças antagônicas que lutam internamente e podem levá-lo à autodestruição” (Rank, 1925/2013, p. 143). Tal percepção de Rank alinha-se com a nossa, pois a maioria dos desfechos dos personagens foi, efetivamente, a morte, ou pela mão de seu duplo ou na tentativa de matá-lo. Assim, a psicanálise não pode considerar como mera coincidência o fato de que o duplo apareça intimamente ligado à ideia de morte e de narcisismo.

As leituras dessas obras suscitaram-nos diversas questões teóricas. Conforme fomos lendo sobre os duplos dos personagens e seus diferentes desenvolvimentos nos enredos, pensamos na construção do aparelho psíquico de cada um. Nos duplos, podem estar colocadas as falhas, o idealizado ou o censor – elementos narcísicos. Percebemos um padrão de como esses duplos se apresentam: espelhos, quadros, sombras... Em geral, aparecem em situações críticas, de desespero, e o encontro com o duplo leva a um susto.

Freud, em *Além do Princípio do Prazer* (1920/2006), aprofunda a distinção entre angústia, susto e medo, afirmando que a angústia está ligada à ideia de preparar-se para uma ameaça, que pode ser desconhecida. Já no medo, há um objeto definido a ser temido. O susto, entretanto, é um estado no qual o indivíduo entrou em perigo sem estar preparado para tal. Esta diferença é evidenciada pelos personagens dos contos que lemos quando estes se encontram com seus duplos, o que mostra o risco de reconhecer-se nesse sócio. Fica concretizada a cisão, porque um enxerga no outro a parte sua da qual tentou ficar afastado. O duplo tem uma dupla função: surge para afastar tal reconhecimento, mas, ao mesmo tempo, surge porque já existe essa cisão.

Para ilustrar essa questão, pensamos em um trecho do livro *O Duplo* (1846/2013), de Fiódor Dostoiévski:

E embora tudo no restaurante fosse meio caro, desta vez este pequeno detalhe não deteve o senhor Golyádkin; além do mais, agora não havia tempo para tardar em semelhantes ninharias. Numa sala bem iluminada, junto a um balcão sobre o qual aparecia uma enorme diversidade de tudo o que era servido como salgadinhos para gente da nobreza, havia uma grande aglomeração de frequentadores. O empregado mal dava conta de servir a bebida, atender os fregueses, receber o dinheiro e devolver o troco. O senhor Golyádkin esperou sua vez e, quando ela chegou, estirou modestamente a mão para um pastel aberto. Afastando-se para um cantinho, virou-se de costas para os presentes e começou a comer com ape-

tite; voltou ao vendedor, pôs o pratinho no balcão, enquanto sondava o olhar do vendedor a fim de lhe mostrar: "bem, a moeda está aí; um pastelzinho", etc.

– Sua conta é de um rublo e dez copeques – disse entre dentes o balconista.

O senhor Golyádkin ficou bastante surpreso.

– É comigo que o senhor está falando?... Eu... parece que só peguei um pastel.

– Pegou onze – objetou convicto o empregado.

– O senhor... pelo que me parece... o senhor parece que está enganado... Eu, palavra, parece que peguei um pastel.

– Eu contei: o senhor pegou onze unidades. Como os pegou, tem de pagar; de graça ninguém lhe dá nada.

O senhor Golyádkin estava pasmo. "O que é isso, alguma bruxaria que estão fazendo comigo?" – pensou ele. Enquanto isso, o caixa aguardava a decisão do senhor Golyádkin; rodaram o senhor Golyádkin; o senhor Golyádkin já ia metendo a mão no bolso para tirar um rublo de prata e pagar sem demora, para se livrar da complicação. "Bem, já que são onze, então são onze – pensava o senhor Golyádkin, corando como um pimentão –, bem, qual é o problema se foram comidos onze pastéis? Ora, o homem estava com fome, e então comeu onze pastéis; vá lá, que coma e faça bom proveito; ora veja, nisso não há razão para surpresa nem para rir..." Súbito foi como se algo tivesse picado o senhor Golyádkin; ele levantou a vista e num instante decifrou o enigma, compreendeu toda a bruxaria; num instante resolveram-se todas as complicações... à porta que dava para a sala contígua, quase bem às costas do caixa e de frente para o senhor Golyádkin, à porta que, aliás, até então nosso herói confundira com um espelho, estava um homem – estava ele, estava o próprio senhor Golyádkin, não o primeiro senhor Golyádkin, não o herói da nossa história, mas o outro senhor Golyádkin, o novo senhor Golyádkin. (Dostoiévski, 1846/2013, p.132-133)

A "bruxaria" de que Golyádkin fala é justamente a cisão. A falha na integração acontece no momento em que ele não se reconhece em seu duplo. Enquanto o vendedor enxerga uma pessoa que consumiu onze pastéis, o protagonista não percebe que foi isso que aconteceu. Quando o autor escreve onze pastéis, e não dois pastéis, pensamos que esse é um recurso narrativo literário que ilustra esse espelhamento e essa falta de integração. No número dois, existem dois, eu e o outro. O número onze, por sua vez, retrata a incapacidade de se somar um mais um, de formar dois, há apenas eu e eu, eu e o espelho de mim. A ideia do espelho nos remonta mais uma vez ao narcisismo.

Em uma análise da estrutura de *Dorian Gray*, podemos pensar que este se encontra em um modelo de relação narcísico, um amor por si mesmo (Freud, 1914/2004). Este amor referia-se a ele jovem, potente e bonito. Em paralelo, seu retrato pintado por Basil, ficava depositário de toda a corrupção, feiura, envelhecimento e morte. Frente ao perigo de reconhecer como suas essas partes indesejadas, há uma cisão do ego, visto que o amor que Dorian tem por si mesmo é somente por suas partes jovens e belas, logo, parcial.

Ao esfaquear o quadro na tentativa de matar seu duplo, Dorian não se dá conta de que também morre. Quando escrevemos nosso conto, pensamos que, assim como ele, também há, no contexto atual da pandemia, pessoas (muitas vezes jovens) que estão expondo a si e aos outros a riscos de



morte. Sem conexão ou com gozo? Consideramos que Dorian teria ambos: ao mesmo tempo, há uma desconexão e um triunfo sobre a morte pela superioridade e onipotência, mas ele é tão frívolo que nada disso importa, apenas seu prazer.

Dorian Gray pareceu-nos mais inacessível enquanto personagem, passando-nos a ideia de um sujeito atrativamente perigoso. Em nossos encontros, fomos puxados a falar sobre ele, mesmo sem gostar dele. Inicialmente, alguns de nós tivemos um período de encantamento e, depois, um de repulsa, como aconteceu também no diálogo que propusemos, quando Nathanael se encanta com a beleza de Dorian.

Pensando em um estado de maior integração de seus duplos, estariam Jacobina e Medardo. Jacobina, ao contar a sua história, demonstra ter conseguido reconhecer o "Alferes" em sua personalidade, carregando-o consigo. Nessa mesma linha, o Visconde Medardo teve suas duas partes, a boa e a má, costuradas. Inferimos que isso pôde acontecer tanto porque a cisão não foi a ponto de uma ruptura total do ego – desde o início, ambas as partes se reconheciam enquanto Visconde –, quanto porque houve o contato com um outro (Pâmela e Doutor Trelawney) que pôde ajudar no reconhecimento das metas e na integração delas em um ego unificado e em contato com a realidade.

Achamos interessante agrupar os personagens Nathanael, William Wilson, Balduin e Golyádkin, pensando na fragilidade que todos apresentaram frente à figura do duplo. William Wilson e Balduin faleceram no encontro com seus duplos, enquanto Golyádkin conseguiu ser ajudado e institucionalizado. Na leitura do romance de Dostoiévski, diferentemente da maioria dos livros que estudamos, fica claro, ao final da história, que o duplo é uma alucinação do personagem e não um recurso literário usado pelo autor para ilustrar a desorganização psíquica de Golyádkin. Quando não há a possibilidade de integração, como nestas histórias, o duplo fica dissociado e não reconhecível pelos personagens. Neste caso, o caminho é a morte psíquica, seja através do enlouquecimento ou até da morte real.

No filme *O estudante de Praga*, citado por Otto Rank (1925/2013), o duplo de Balduin aparece como uma figura não tão nítida quanto ele, como um fantasma em quem ele atira. Depois disso, Balduin finalmente vê-se no espelho e encontra-se com a sua própria imagem, mas já com a camisa cheia de sangue. Percebe que está ferido e logo cai morto: dá-se conta de que o tiro foi nele mesmo.

William Wilson, por sua vez, tinha um colega de escola com o mesmo nome, todos achavam que eles eram gêmeos. A única diferença entre eles era a voz mais baixa do duplo, que poderíamos pensar como uma voz de censor, visto que ele aparecia para intervir em situações delitivas do personagem. No encontro com seu duplo, Wilson está em uma festa e, ao ver a imagem do sócio, acha que é um espelho, mas chega perto e vê que não. Então, dá um golpe de espada, tentando matá-lo, e o duplo diz: "Em mim tu vivias... E, na minha

morte, vê por esta imagem, que é a tua própria imagem, quão completamente assassinaste a ti mesmo!" (Poe, 1839/1981, p.15). Nesse momento, pensa que a voz poderia ser sua, mas não consegue se reconhecer nesse outro. Podemos entender essa tentativa de matar o duplo, tanto na história de William Wilson quanto na de Balduin, como uma tentativa de matar aspectos narcísicos indesejados que haviam sido projetados para fora e percebidos como não-ego. Um ato extremo que parece acontecer quando a cisão ameaça falhar.

Achamos importante aprofundar a ideia do duplo no *Homem de Areia* (1817/2010), pois esse conto traz questões únicas. Nele, não há um duplo do personagem principal como encontramos nas demais leituras, mas existe um duplo que, como os outros, faz a função de assustar o personagem e os leitores, bem como de nos causar um sentimento de estranhamento. O duplo nesse conto se dá entre o pai, já morto, e Coppelius, seu advogado, que Nathanael, quando criança (em fantasia), liga à história do homem de areia, que acreditava ser responsável pela morte de seu pai, e que se torna uma permanente assombração para Nathanael até sua vida adulta. Nessa história, vê-se o sentimento parricida posto em cena, onde os desejos edípicos de triunfo e de morte do pai ficam postos nesse estranho, que arrancaria os olhos das crianças. É aparentemente mais simples para Nathanael colocar fora de si seus desejos parricidas, que retornam com as características de estranhamento/familiaridade e pavor.

O *Homem de Areia* foi a história utilizada como fio condutor do texto freudiano *O Estranho* (1919/1996). Freud discute o sentimento de estranhamento a partir do conceito de *unheimlich*. Na equivalência exata do alemão, os tradutores afirmam que se trata "do que não é doméstico, o que não é simples, o de fora"<sup>15</sup> (Freud, 1919/1996, p.235). A tradução inglesa fez a escolha de traduzi-lo como *uncanny* (esquisito, misterioso, fantástico, nefasto, sinistro) ainda que, literalmente, a tradução para *unhomely* (fora do lugar doméstico), estaria mais próxima da textualidade alemã. O estranho, portanto, está intimamente relacionado com o estrangeiro na casa, com o diferente (Freud, 1919/1996). Assim, o duplo estaria ligado a uma parte do personagem que, de alguma forma, já lhe foi familiar na vivência de sexualidade infantil. Feito fantasma ou monstro, então, o assustador retorna em um momento crítico da história, trazendo consigo o estranhamento e anunciando a passagem do tempo e a morte.

Existe uma distinção entre os sentimentos de estranhamento, de acordo com Freud (1919/1996). As experiências estranhas acontecem quando complexos infantis que não haviam sido reprimidos reavivam por meio de uma impressão, quando a realidade material, que não foi recalçada, retorna, ou quando crenças primitivas, que foram superadas, parecem se confirmar (quando a realidade material é tomada pela realidade psíquica, como acontece com Nathanael).

<sup>15</sup> Pode-se considerar o que é "de fora" como o real.

Freud (1919/1996) propõe que tais coincidências estranhas detêm algo de um pensamento mágico e onipotente, infantil, de uma indiscriminação entre imaginação e realidade. Logo, algo primitivo. O tema do duplo não é *estranho* à obra de Freud: em *Totem e Tabu* (1913/1996), o autor ocupa-se da morte e de sua representação no além-vida. Já nesse texto, Freud relaciona o animismo com as representações oníricas, as sombras e as imagens do espelho, conceituando que, através desses reflexos, o ser humano já pensava sobre as ideias de si, as ideias de alma e sobre a sua continuidade no mundo exterior. O conceito de um duplo, de um outro eu, despontaria da existência de um reflexo ou de projeções do nosso corpo (a sombra ou a alma). Nesse contexto, seria reforçado o pensamento de um ego em movimento que não deixaria de existir após a morte (Rank, 1925/2013).

Ao final desse percorrido, consideramos que, nas histórias lidas, o fenômeno do duplo aconteceu de diferentes formas, e o reconhecimento da parte cindida se mostrou um indicativo de uma maior integração do ego dos personagens. Conforme dito anteriormente, o Alferes Jacobina e o Visconde Medardo entenderam o que aconteceu com eles e, assim, puderam contar suas histórias. Então, de certo modo, podemos pensar que eles reconheceram seus aspectos infantis que estavam projetados nos duplos, como a onipotência do Alferes e a idealização e a maldade do Visconde.

O não-reconhecimento destas partes das vivências infantis, entretanto, levaram à morte, como podemos ver nos contos de William Wilson e Balduin. Na tentativa de matar o que não pode ser reprimido, os personagens acabaram matando a si mesmos. Por esses aspectos não estarem recalçados, e sim projetados para fora de si, a existência do duplo é sentida como uma experiência persecutória para estes personagens.

Nesse sentido, pensamos que a história de Golyádkin também nos mostra que, quanto mais o personagem projeta sua imagem de completude narcísica infantil, mais empobrecido e perseguido ele fica, o que remete ao que diz Freud (1914/2004) sobre o apaixonado e o paranoico, ambos estados de quase completo esvaziamento do ego.

## **Considerações finais**

A partir dos encontros de nosso grupo, em que nos propusemos a estudar o fenômeno do duplo, circulamos sobre inúmeros conceitos psicanalíticos, como o estranho, o susto e o narcisismo. Propusemos um conto que pudesse apresentar as histórias de nossos personagens e como estes lidaram com o aparecimento do duplo. Inevitavelmente, nossas discussões foram permeadas pela situação de pandemia de COVID-19 que estamos vivendo nos anos de 2020 e de 2021, e não pudemos deixar de imaginar como nossos personagens enfrentariam tal evento.

Ao longo das histórias que lemos, percebemos que a possibilidade ou não de integração apareceu no cerne da questão do duplo. Assim como todos os caminhos levam à Roma, todos os estudos nos levaram a pensar sobre o narcisismo. Como é aguentar sentir raiva, tolerar a frustração, a velhice e a própria loucura?

Deparamo-nos com diversas saídas psíquicas construídas pelos personagens. Parece-nos que o mais difícil, ao se encontrar com seu duplo, é reconhecer como suas essas partes intoleráveis. Crescer requer que possamos compreender os diferentes lados da experiência humana e, tal como o Visconde, ter as suas partes integradas. Esta é a melhor saída psíquica possível, porque representa uma elaboração e uma maior aceitação de todos os aspectos do ego. Partir-se ao meio é inevitável em alguns momentos da vida, porém, a capacidade de costurar-se de volta – seja sozinho ou com ajuda de alguém – como aconteceu com Visconde e com Golyádkin e como acontece com nossos pacientes em psicoterapia – é imprescindível.

## Referências

- Assis, M. (2007). O Espelho. In: *50 Contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1882).
- Barthes, R. (2004). A morte do autor. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1967).
- Calvino, I. (2011). *O visconde partido ao meio*. São Paulo: Companhia de Bolso. (Original publicado em 1952).
- Dostoiévski, F. (2013). *O duplo* (2a ed.). São Paulo: Editora 34. (Original publicado em 1846).
- Eco, U. (2014). O Inquietante. In: *História da Feiura*, ed. 2. Rio de Janeiro: Record. (Original publicado em 2017).
- Freud, S. (1996). Totem e Tabu. In: *Obras completas*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (2004). À guisa de uma introdução ao narcisismo. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, v. 1. Tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996). O estranho. In: *Obras completas*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Original publicado em 1919).
- Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, v. 2. Tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Original publicado em 1920).
- Hoffmann, E. T. A. (2010). *O Homem da Areia*. Rio de Janeiro: Editora Rocco. (Original publicado em 1817).
- Poe, E. A. (1981). William Wilson. In: *Histórias Extraordinárias*. São Paulo: Abril Cultural. (Original publicado em 1839).
- Rank, Otto. (2013). *O Duplo: Um ensaio psicanalítico*. Porto Alegre: Dublinense. (Original publicado em 1925).
- Wilde, O. (2014). *O retrato de Dorian Gray*, ed. 2. São Paulo: Martin Claret. (Original publicado em 1890).